

ROTEIRO PARA O PROFESSOR

Caro professor,

Além da edição dos textos integrais de algumas das melhores e mais reconhecidas obras das literaturas brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** oferecem ao professor amplo material de apoio didático para o trabalho em sala de aula.

Cada obra traz em seu corpo o seguinte conteúdo:

- **Texto integral;**
- **Diários de um Clássico;**
- **Contextualização Histórica;**
- **Entrevista Imaginária.**

Além disso, o leitor recebe, encartado no exemplar:

- **Suplemento de Atividades.**

E o professor, em seu exemplar ofertado, encontra ainda:

- **Suplemento de Atividades com respostas e orientações;**
- **Projeto Leitura e Didatização.**

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é um material didático bastante consistente, configurando um grande diferencial para os **CLÁSSICOS SARAIVA**.

A seguir, relacionamos e definimos cada uma dessas seções, além de trazer o texto integral da obra.

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO

Após a leitura, o aluno mergulha nos DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO, que oferecem um roteiro pormenorizado de algumas abordagens possíveis para cada livro:

- **Por Dentro da Obra:** Uma abordagem inusitada da obra.
- **Na Intimidade do Autor:** Aspectos da vida do autor.
- **Navegando pelo Contexto Literário:** Sua obra no panorama literário da época.
 - **Passando pela Cidade:** Cenas da cidade do escritor.
 - **Conhecendo a Obra:** Análise de alguns pontos estruturais da obra, como:
 - Narrador;
 - Personagens;
 - Foco narrativo;
 - Estrutura;
 - Espaço;
 - Linguagem;
 - Outras questões específicas da obra.
 - **Expressões Artísticas:** Adaptação da obra por outras artes.
 - **Obras:** Lista de todas as obras do autor.

340

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Painel de textos selecionados que dizem respeito a algumas características de estilo da obra, e também ao seu contexto histórico e artístico, ajudando a construir um panorama da época e do ambiente cultural, histórico e literário em que o autor viveu.

ENTREVISTA IMAGINÁRIA

Uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida, com perguntas e respostas imaginadas.

SUPLEMENTO DE ATIVIDADES

Encarte com atividades para o aluno responder, dividido nos seguintes tópicos:

- **Uma Obra Clássica:** Atividades sobre a obra e seu valor literário.
- **A Narrativa:** Atividades sobre a história.

- **O Narrador:** Atividades sobre o tipo de narrador, sobre o foco narrativo.
- **Personagens:** Atividades sobre o protagonista e outras personagens de destaque.
- **Intertextualidade:** Atividades sobre possíveis relações da obra com outros gêneros de texto.
- **Contextualização Histórica:** Atividades enfocando os trechos selecionados na seção específica do livro.
- **A Nova do Cadáver – A sua Entrevista Imaginária:** Atividade de produção de texto na qual o aluno simula a sua própria entrevista com o autor.

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

É uma proposta dialógica para o trabalho com literatura, desenvolvida com base em pressupostos oferecidos pelo professor William Cereja. São traçados possíveis dialogismos entre a obra lida e outras obras afins, sejam elas da literatura brasileira ou estrangeira, contemporâneas ou não.

No PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO, o professor encontra uma série de questões e orientações de modo a garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos, proporcionando situações de intenso trabalho e prazer de aprender em sala de aula.

Esse projeto é apresentado mais adiante para o professor, de forma completa, com orientações e respostas das atividades. Para o aluno, o PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO está disponível no *site* dos **CLÁSSICOS SARAIVA**: (www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva).



PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

Caro professor,

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é uma proposta alternativa de ensino de literatura, baseada nos pressupostos apresentados por William Cereja em seu *Ensino de Literatura – Uma proposta dialógica para o trabalho com literatura* (Atual, 2005). Neste Projeto, atividades de leitura de textos literários e não literários são formuladas para o aluno, acompanhadas de discussões e justificativas teórico-metodológicas que permitem ao professor compreender não apenas por que fazer diferente o ensino da literatura, mas também como fazer. ³⁴³

Este Projeto didatiza e organiza uma proposta dialógica de ensino de literatura, de forma que se possa garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos.

Um curso de literatura não se constrói apenas com atividades específicas de leitura, mas também com uma série de outras interações, mediadas por textos literários e não literários, por textos didático-expositivos, por linguagens verbais e não verbais etc. Assim, as atividades apresentadas a seguir apenas indicam um ponto de partida para uma abordagem dialógica da literatura.

Apresentamos respostas previstas para as questões, a fim de que possam ser avaliadas por completo, para que seja possível verificar sua pertinência e as habilidades de leitura demandadas em cada uma delas.

O Projeto da obra *O guarani* foi desenvolvido por **Davi Fazzolari**, professor da rede particular de ensino em São Paulo, mestre em Literatura Portuguesa pela USP.

Mas lembre-se:

1. Este Projeto é abrangente e não precisa, necessariamente, ser trabalhado de forma integral. Componha-o dentro de seu plano de aula, conforme seus interesses e as necessidades de seus alunos, explorando uma, duas ou mais leituras.

2. O texto integral do PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO de cada obra dos **CLÁSSICOS SARAIVA** está disponível no site www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva. Lá, o professor e/ou o aluno poderão copiar o projeto, sem as orientações e sem respostas previstas, naturalmente.

Bom trabalho!

LEITURA E DIDATIZAÇÃO

O GUARANI

JOSÉ DE ALENCAR

Possíveis dialogismos trabalhados neste Projeto:

1. Nacionalismo romântico brasileiro (Leitura 1)
Valores medievais em pleno sertão do Rio de Janeiro
2. Bom selvagem e bem selvagem (Leitura 2)
O romance porta-voz da incipiente burguesia brasileira
3. A vitalidade de Peri, a popularidade de Ceci e a longevidade do casal romântico (Leitura 3)
As heranças da referência amorosa brasileira

LEITURA 1

NACIONALISMO ROMÂNTICO BRASILEIRO: VALORES MEDIEVAIS EM PLENO SERTÃO DO RIO DE JANEIRO

345

Quando, no século XIX, o período romântico se estabeleceu na Europa, os artistas se voltaram para princípios de glória experimentados em outros tempos, quando o *cavaleiro medieval* se dispunha a combater os vícios e honrar as virtudes em nome de seu rei, de seu feudo. Eram tempos de vassalagens e mesuras que sustentavam os nomes e os escudos de cada castelo.

Ao aportar em terras tupiniquins, o Romantismo levou o escritor brasileiro a um movimento semelhante, e o passado histórico passou a ser visto, também por aqui, como ambiente mais legítimo às pretensões libertárias da burguesia nacional. Assim, no lugar dos cavaleiros medievais, elegeríamos os povos indígenas como representantes de aspirações nacionalistas. A independência proclamada em 1822 não reunia todas as aspirações da burguesia nacional. Era preciso conquistar uma independência não apenas econômica, mas também política e cultural.

TEXTO 1

OS AVENTUREIROS – CAPÍTULO I

De um dos cabeços da *Serra dos Órgãos* desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal.

É o *Paquequer*: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito.

Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látego do senhor.

Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade.

Aí, o *Paquequer* lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pelo esparsos pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes.

A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublimemente artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa.

No ano da graça de 1604, o lugar que acabamos de descrever estava deserto e inculto; a cidade do Rio de Janeiro tinha-se fundado havia menos de meio século, e a civilização não tivera tempo de penetrar o interior.

Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.

A esplanada, sobre que estava assentado o edifício, formava um semicírculo irregular que teria quando muito cinquenta braças quadradas; do lado do norte havia uma espécie de escada de lajedo

feita metade pela natureza e metade pela arte.

Descendo dois ou três dos largos degraus de pedra da escada, encontrava-se uma ponte de madeira solidamente construída sobre uma fenda larga e profunda que se abria na rocha. Continuando a descer, chegava-se à beira do rio, que se curvava em seio gracioso, sombreado pelas grandes gameleiras e angelins que cresciam ao longo das margens.

Aí, ainda a indústria do homem tinha aproveitado habilmente a natureza para criar meios de segurança e defesa.

De um e outro lado da escada seguiam dois renques de árvores, que, alargando gradualmente, iam fechar como dois braços o seio do rio; entre o tronco dessas árvores, uma alta cerca de espinheiros tornava aquele pequeno vale impenetrável.

A casa era edificada com a arquitetura simples e grosseira que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janelas de frente, baixas, largas, quase quadradas.

Do lado direito estava a porta principal do edifício, que dava sobre um pátio cercado por uma estacada, coberta de melões agrestes. Do lado esquerdo estendia-se até à borda da esplanada uma asa do edifício, que abria duas janelas sobre o desfiladeiro da rocha.

No ângulo que esta asa fazia com o resto da casa, havia uma coisa que chamaremos jardim, e de fato era uma imitação graciosa de toda a natureza rica, vigorosa e esplêndida, que a vista abraçava do alto do rochedo.

Flores agrestes das nossas matas, pequenas árvores copadas, um estendal de relvas, um fio de água, fingindo um rio e formando uma pequena cascata, tudo isto a mão do homem tinha criado no pequeno espaço com uma arte e graça admirável.

À primeira vista, olhando esse rochedo da altura de duas braças, donde se precipitava um arroio da largura de um copo de água, e o monte de grama, que tinha quando muito o tamanho de um divã, parecia que a natureza se havia feito menina e se esmerara em criar por capricho uma miniatura.

O fundo da casa, inteiramente separado do resto da habitação por uma cerca, era tomado por dois grandes armazéns ou senzalas, que serviam de morada a aventureiros e acostados.

Finalmente, na extrema do pequeno jardim, à beira do precipício, via-se uma cabana de sapé, cujos esteios eram duas palmeiras que haviam nascido entre as fendas das pedras. As abas do teto desciam até o chão; um ligeiro sulco privava as águas da chuva de entrar nesta habitação selvagem.

Agora que temos descrito o aspecto da localidade, onde se deve passar a maior parte dos acontecimentos desta história, podemos abrir a pesada porta de jacarandá, que serve de entrada, e penetrar no interior do edifício.

A sala principal, o que chamamos ordinariamente sala da frente, respirava um certo luxo que parecia impossível existir nessa época em um deserto, como era então aquele sítio.

As paredes e o teto eram caiados, mas cingidos por um largo fiação de pintura a fresco; nos espaços das janelas pendiam dois retratos que representavam um fidalgo velho e uma dama também idosa.

Sobre a porta do centro desenhava-se um brasão de armas em campo de cinco vieiras de ouro, riscadas em cruz entre quatro rosas de prata sobre palas e faixas. No escudo, formado por uma **brica** de prata orlada de vermelho, via-se um elmo também de prata, **paquife** de ouro e de azul, e por timbre um meio leão de azul com uma **vieira** de ouro sobre a cabeça.

Um largo reposteiro de damasco vermelho, onde se reproduzia o mesmo brasão, ocultava esta porta, que raras vezes se abria, e dava para um oratório. Defronte, entre as duas janelas do meio, havia um pequeno dossel fechado por cortinas brancas com apanhados azuis.

Cadeiras de couro de alto espaldar, uma mesa de jacarandá de pés torneados, uma lâmpada de prata suspensa ao teto constituíam a mobília da sala, que respirava um ar severo e triste.

Os aposentos interiores eram do mesmo gosto, menos as decorações heráldicas; na asa do edifício, porém, esse aspecto mudava de repente, e era substituído por um quer que seja de caprichoso e delicado que revelava a presença de uma mulher.

[...]

A um canto, pendia da parede um crucifixo em alabastro, aos pés do qual havia um **escabelo** de madeira dourada.

Pouco distante, sobre uma cômoda, viam-se uma dessas guitarras espanholas que os ciganos introduziram no Brasil quando expulsos de Portugal, e uma coleção de curiosidades minerais de cores mimosas e formas esquisitas.

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Saraiva, 2009. (Clássicos Saraiva).

GLOSSÁRIO

Brica: brasão, escudo.

Paquife: enfeite em forma de folhagem, geralmente bastante vistoso. Comum nas armaduras.

Vieira: ornamento com formato de concha.

Escabelo: banco ou arca que serve de banco.

1. O início de *O guarani* apresenta uma ampla descrição dividida em dois espaços distintos.

a) Quais são esses espaços?

O primeiro espaço descrito é a natureza que está ao redor do segundo espaço, a casa de D. Antônio de Mariz.

b) O que os une e o que os separa?

O que os une é a geografia local. O que os separa é a arquitetura (“A casa era edificada com a arquitetura simples e grosseira que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janelas de frente, baixas, largas, quase quadradas./Do lado direito estava a porta principal do edifício”).

2. Nos três primeiros parágrafos do texto, há uma descrição que se vale de personificações para ressaltar a imagem do rio Paquequer. Destaque os verbos que confirmam essa afirmação.
Espreguiçar-se; curva-se; revoltam-se; sofre.

3. O terceiro parágrafo segue descrevendo a natureza, mas utiliza uma imagem que acaba por recuperar um costume medieval europeu — cultura e época distantes do tempo de Alencar e da história do Brasil. Destaque algumas expressões desse costume.
Vassalo e tributário; curva-se humildemente aos pés do *suserano*; *escravo* submisso, sofre o látigo do *senhor*.

4. A prática medieval evoca submissão, mas o narrador, ao descrever a natureza brasileira, faz opção pela liberdade. Destaque expressões que evidenciam o espírito nacionalista e libertário de *O guarani*.

Há muitas passagens, mas a sequência do seguinte parágrafo responde adequadamente: “Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade.”.

5. Na segunda parte da descrição, lê-se uma mescla de características.

a) Destaque os elementos que reportam o texto ao período medieval europeu.

Pintura a fresco; dois retratos que representavam um fidalgo velho e uma dama; um brasão de armas em campo de cinco vieiras de ouro, riscadas em cruz entre quatro rosas de prata sobre palas e faixas; crucifixo em alabastro, aos pés do qual havia um escabelo de madeira dourada.

b) Destaque os elementos brasileiros de afirmação nacional.

Porta de jacarandá; cadeiras de couro; uma mesa de jacarandá; sobre uma cômoda, viam-se uma dessas guitarras espanholas que os ciganos introduziram no Brasil quando expulsos de Portugal, e uma coleção de curiosidades minerais de cores mimosas e formas esquisitas.

c) O que, em sua opinião, o autor buscou com a mistura entre elementos característicos da Europa e do Brasil?

Resposta do aluno. É nítida a tentativa de mesclar as duas culturas.

O medievalismo pode ser verificado em uma aproximação do romance de Alencar ao cancionero recolhido entre os séculos XII e XV. O modo como Peri se submete a Ceci está muito próximo da fórmula utilizada nas cantigas de amor. Vejamos:

TEXTO 2

VI EU DONAS, SENHOR, EM CAS D'EL-REI (CANTIGA DE AMOR)

Vi eu donas, **senhor**, em **cas d'el-rei**,
fremosas e que pareciam bem,
e vi donzelas, muitas u andei;
e, mia senhor, direi-vos **ua rem**:
 a mais fremosa de quantas eu vi,
 long'estava **de parecer assi**

Come vós. Eu muitas vezes provei
se acharia de tal parecer
algua dona, senhor, u andei;
e, mia senhor, quero-vos **al dizer**:
 a mais fremosa de quantas eu vi,
 long'estava de parecer assi

Come vós. E, mia senhor, perguntei
por dunas muias que oi **loar**
de parecer nas terras u andei;
e, mia senhor, pois mi as foron mostrar,
 a mais fremosa de quantas eu vi,
 long'estava de parecer assi.

NOTA

Canção de louvor à beleza da mulher. Nenhum problema é apresentado no que se refere a dramas íntimos do poeta, tal a predominância de sua atitude visual. [...] O trovador não só observou diversas outras mulheres – fazendo comparações com a sua dama

–, mas procurou mesmo belezas raras para ter o prazer de ver que não se enganava julgando ser a sua a mais bela.

SANTIAGO, Joan Airas de. Vi eu donas, senhor, em cas d'el-rei. In: SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996. (CV 534, CCB 946).

GLOSSÁRIO

Senhor: senhora, suserana.

Cas d'el-rei: moradia da nobreza; casa de rei ou castelo.

Fremosas: formosas.

Ua: uma.

Rem: (do latim) *res*: coisa ou nada.

De parecer: bela ou beleza.

Assi: assim.

Al: algo ou alguma coisa.

Loar: louvar ou adorar.

6. Destaque os versos em que o trovador repete o que vê em sua senhora.

"a mais fremosa de quantas eu vi,/long'estava de parecer assi".

7. Como o trovador chega à conclusão de que sua senhora é a mais bela?

O trovador, como confirma a nota do professor Segismundo Spina, fez várias comparações antes de concluir qualquer coisa acerca da beleza da senhora.

8. O trovador declara seu amor pela senhora enaltecida nos versos?

Apesar dos elogios, o trovador não declara seu amor à senhora.

Tomando o ambiente medieval europeu e a natureza brasileira — abundante em detalhes — como ingredientes para a composição da cena indianista brasileira, não será difícil encontrar personagens ou situações de época que se aproximem daquelas apresentadas no romance *O guarani*. Vejamos.

TEXTO 3

PRIMEIRA PARTE – OS AVENTUREIROS – CAPÍTULO X

No dia seguinte, ao raiar da manhã, Cecília abriu a portinha do jardim e aproximou-se da cerca.

— Peri! disse ela.

O índio apareceu à entrada da cabana; correu alegre, mas tímido e submisso.

Cecília sentou-se num banco de relva; e a muito custo conseguiu tomar um arzinho de severidade, que de vez em quando quase traía-se por um sorriso teimoso que lhe queria fugir dos lábios.

Fitou um momento no índio os seus grandes olhos azuis com uma expressão de doce repreensão; depois disse-lhe em um tom mais de queixa do que de rigor:

— Estou muito zangada com Peri!

O semblante do selvagem anuviou-se.

— Tu, senhora, zangada com Peri! Por quê?

— Porque Peri é mau e ingrato; em vez de ficar perto de sua senhora, vai caçar em risco de morrer! disse a moça ressentida.

— Ceci desejou ver uma onça viva!

— Então não posso agradecer? Basta que eu deseje uma coisa para que tu corras atrás dela como um louco?

— Quando Ceci acha bonita uma flor, Peri não vai buscar? perguntou o índio.

— Vai, sim.

— Quando Ceci ouve cantar o sofrer, Peri não o vai procurar?

— Que tem isso?

— Pois Ceci desejou ver uma onça, Peri a foi buscar.

Cecília não pôde reprimir um sorriso ouvindo esse silogismo rude, a que a linguagem singela e concisa do índio dava uma certa poesia e originalidade.

Mas estava resolvida a conservar a sua severidade e ralar com Peri por causa do susto que lhe havia feito na véspera.

— Isto não é razão, continuou ela; porventura um animal feroz é a mesma coisa que um pássaro, e apanha-se como uma flor?

— Tudo é o mesmo, desde que te cause prazer, senhora.

— Mas então, exclamou a menina com um assomo de impaciência, se eu te pedisse aquela nuvem?...

E apontou para os brancos vapores que passavam ainda envolvidos nas sombras pálidas da noite.

— Peri ia buscar.

— A nuvem? perguntou a moça admirada.

— Sim, a nuvem.

Cecília pensou que o índio tinha perdido a cabeça; ele continuou:

— Somente como a nuvem não é da terra e o homem não pode tocá-la, Peri morria e ia pedir ao Senhor do céu a nuvem para dar a Ceci.

Estas palavras foram ditas com a simplicidade com que fala o coração.

A menina, que um momento duvidara da razão de Peri, compreendeu toda a sublime abnegação, toda a delicadeza de sentimento dessa alma inculta.

A sua fingida severidade não pôde mais resistir; deixou pairar nos seus lábios um sorriso divino.

— Obrigada, meu bom Peri! Tu és um amigo dedicado; mas não quero que arrisques tua vida para satisfazer um capricho meu; e sim que a conserves para me defenderes como já fizeste uma vez.

— Senhora, não está mais zangada com Peri?

— Não; apesar de que devia estar, porque Peri ontem fez sua senhora afligir-se cuidando que ele ia morrer.

— E Ceci ficou triste? exclamou o índio.

— Ceci chorou! respondeu a menina com uma graciosa ingenuidade.

— Perdoa, senhora!

— Não só te perdoo, mas quero também fazer-te o meu presente.

Cecília correu ao seu quarto e trouxe o rico par de pistolas que havia encomendado a Álvaro.

— Olha! Peri não desejava ter umas?

— Muito!

— Pois aqui tens! Tu não as deixarás nunca porque são uma lembrança de Cecília, não é verdade?

— Oh! o sol deixará primeiro a Peri, do que Peri a elas.

— Quando correres algum perigo, lembra-te que Cecília as deu para defenderem e salvarem a tua vida.

— Por que é tua, não é, senhora?

— Sim, porque é minha, e quero que a conserves para mim.

O rosto de Peri irradiava com o sentimento de um gozo imenso, de uma felicidade infinita; meteu as pistolas na cinta de penas e ergueu a cabeça orgulhoso, como um rei que acabasse de receber a unção de Deus.

Para ele essa menina, esse anjo louro, de olhos azuis, representava a divindade na terra; admirá-la, fazê-la sorrir, vê-la feliz era o seu culto; culto santo e respeitoso em que o seu coração vertia os tesouros de sentimentos e poesia que transbordavam dessa natureza virgem.

[...]

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Saraiva, 2009. (Clássicos Saraiva).

9. Aproxime o comportamento do trovador no Texto 2 ao comportamento de Peri no Texto 3.

O fato de apenas admirar e proteger Cecília, sem qualquer outra intenção, faz de Peri uma personagem próxima não só do trovador do Texto 2, mas do eu lírico comum às cantigas de amor.

10. Extraia do diálogo entre Ceci e Peri, no Texto 3, expressão típica das cantigas de amor que se lê no Texto 2.

Trata-se da expressão “senhora”, muito comum nas cantigas na forma “senhor”, palavra, então, de gênero neutro.

11. A devoção do homem em relação à sua senhora era conhecida, na Idade Média europeia, por vassalagem amorosa. Destaque do Texto 3 uma passagem na qual Peri revela sua total submissão a Ceci, sua senhora.

Há várias possibilidades. Uma bastante adequada é: “— Isto não é razão, continuou ela; porventura um animal feroz é a mesma coisa que um pássaro, e apanha-se como uma flor?/— Tudo é o mesmo, desde que te cause prazer, senhora./— Mas então, exclamou a menina com um assomo de impaciência, se eu te pedisse aquela nuvem?.../E apontou para os brancos vapores que passavam ainda envolvidos nas sombras pálidas da noite./— Peri ia buscar.”.

As características europeias medievais não se limitam ao relacionamento de vassalagem existente entre reis e súditos, servos e suseranos, senhoras e trovadores apaixonados, mas obedeciam, principalmente, a um código de mesura e de honrarias, até mesmo ante o inimigo.

354

TEXTO 4 SEGUNDA PARTE – PERI – CAPÍTULO VI

[...]

A realização do projeto de Peri apresentava-se naturalmente, sem ser procurada. Tinha o italiano na sua mão; depois dele caminhava aos dois aventureiros, para os quais bastava a sua faca; e, quando tudo estivesse consumado, iria ter com D. Antônio de Mariz e lhe diria:

— Esses três homens vos traíam, matei-os; se fiz mal, puni-me.

A intervenção de Álvaro, cuja generosidade salvou a vida de Loredano, transtornou completamente esse plano; ignorando o motivo por que Peri ameaçava o aventureiro, julgando que era unicamente para puni-lo da tentativa que acabava de cometer perfidamente contra ele, o cavaleiro, a quem repugnava tirar a vida a um homem sem necessidade, satisfez-se com o juramento e a certeza de que deixaria a casa.

Enquanto isto se dava, Peri refletia na possibilidade de fazer as coisas voltarem à mesma posição; mas conheceu que não o conseguiria.

Álvaro tinha recebido de D. Antônio de Mariz todos os princípios daquela antiga lealdade cavaleiresca do século XV, os quais o velho

fidalgo conservava como o melhor legado de seus avós; o moço moldava todas as suas ações, todas as suas ideias, por aquele tipo de barões portugueses que haviam combatido em Aljubarrota ao lado do Mestre de Avis, o rei cavaleiro.

Peri conhecia o caráter do moço; e sabia que depois de ter dado a vida a Loredano, embora o desprezasse, não consentiria que em presença dele lhe tocasse num cabelo; e se preciso fosse tiraria a sua espada para defender este homem, que acabava de tentar contra sua existência.

E o índio respeitava a Álvaro, não por sua causa, mas por Cecília, a quem ele amava; qualquer desgraça que sucedesse ao cavaleiro tornaria a senhora triste; e isto bastava para que a pessoa do moço fosse sagrada, como tudo o que pertencia à menina, ou que era necessário ao seu descanso, ao seu sossego e felicidade.

O resultado dessa reflexão foi Peri meter a sua faca à cinta; e sem importar-se mais com o italiano, acompanhar o cavaleiro.

Ambos seguiram em direção da casa, caminhando ao longo da margem do rio.

— Obrigado ainda uma vez, Peri; não pela vida que me salvaste, mas pela estima que me tens.

E o moço apertou a mão do selvagem.

— Não agradece; Peri nada te fez; quem te salvou foi a senhora.

Álvaro sorriu-se da franqueza do índio e corou da alusão que havia em suas palavras.

— Se tu morresses, a senhora havia de chorar; e Peri quer ver a senhora contente.

— Tu te enganas; Cecília é boa, e sentiria da mesma maneira o mal que sucedesse a mim, como a ti, ou a qualquer dos que está acostumada a ver.

— Peri sabe por que fala assim; tem olhos que veem e ouvidos que ouvem; tu és para a senhora o sol que faz o jambo corado, e o sereno que abre a flor da noite.

— Peri!... exclamou Álvaro.

— Não te zanga, disse o índio com doçura; Peri te ama, porque tu fazes a senhora sorrir. A cana quando está à beira-d'água fica verde e alegre; quando o vento passa, as folhas dizem Ce-ci. Tu és o rio; Peri é o vento que passa docemente, para não abafar o murmúrio da corrente; é o vento que curva as folhas até tocarem na água.

[...]

O moço recebeu a confissão ingênua do índio sem o mínimo sentimento hostil; ao contrário, apreciava a dedicação que o selvagem tinha por Cecília, e ia ao ponto de amar a tudo quanto sua senhora estimava.

— Assim, disse Álvaro sorrindo, tu só me amas porque pensas que Cecília me quer? disse o moço.

— Peri só ama o que a senhora ama; porque só ama a senhora neste mundo: por ela deixou sua mãe, seus irmãos e a terra onde nasceu.

— Mas se Cecília não me quisesse como julgas?

— Peri faria o mesmo que o dia com a noite; passaria sem te ver.

— E se eu não amasse a Cecília?

— Impossível!

— Quem sabe? disse o moço sorrindo.

— Se a senhora ficasse triste por ti!... exclamou o índio, cuja pupila irradiou.

— Sim? o que farias?

— Peri te mataria.

A firmeza com que eram ditas estas palavras não deixava a menor dúvida sobre a sua realidade; entretanto, Álvaro apertou a mão do índio com efusão.

Peri temeu ofender o moço; para desculpar a sua franqueza, disse-lhe com um tom comovido:

— Escuta, Peri é filho do sol; e renegava o sol se ele queimasse a pele alva de Ceci. Peri ama o vento; e odiava o vento se ele arrancasse um cabelo de ouro de Ceci. Peri gosta de ver o céu; e não levantava a vista, se ele fosse mais azul do que os olhos de Ceci.

— Compreendo-te, amigo; votaste a tua vida inteira à felicidade dessa menina. Não receies que te ofenda nunca na pessoa dela. Sabes se eu a amo; e não te zangues, Peri, se disser que a tua dedicação não é maior do que a minha. Antes que me matasses, creio que me mataria a mim mesmo se tivera a desgraça de fazer Cecília infeliz.

— Tu és bom; Peri quer que a senhora te ame.

[...]

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Saraiva, 2009. (Clássicos Saraiva).

12. O Texto 4 se inicia com uma dúvida de Peri. Para ele, uma situação clara de proteção a D. Antônio de Mariz — e, consequentemente, a Ceci — foi modificada pela intervenção de Álvaro. Qual foi a ação de Álvaro?

Álvaro interfere na atitude de Peri e libera Loredano da morte certa.

13. O que, afinal, leva Álvaro a proceder em desacordo com as intenções de Peri? Destaque sua resposta do texto.

“Álvaro tinha recebido de D. Antônio de Mariz todos os princípios daquela antiga lealdade cavalheiresca do século XV, os quais o velho

fidalgo conservava como o melhor legado de seus avós; o moço moldava todas as suas ações, todas as suas ideias, por aquele tipo de barões portugueses que haviam combatido em Aljubarrota ao lado do Mestre de Avis, o rei cavaleiro.”

14. Qual é o principal motivo para Peri proteger Álvaro?

Peri afirma que Álvaro faz feliz sua senhora e por isso deve protegê-lo.

15. Compare o sentimento dos dois, Peri e Álvaro, em relação a Ceci, com base no diálogo estabelecido no Texto 4.

Os dois declaram amor e lealdade a Cecília. Mas a cena deixa claro que é Álvaro quem deverá se comprometer oficialmente com a moça; Peri comporta-se apenas como vassalo.

O relacionamento de vassalagem amorosa se estende por todo o romance, mas no epílogo atingirá o seu auge.

TEXTO 5

QUARTA PARTE – A CATÁSTROFE – CAPÍTULOS XI E XII

357

CAPÍTULO XI

[...]

Enquanto durou o sono, Peri, com o braço apoiado à borda da canoa e o corpo reclinado sobre o rosto da menina, esperando com ansiedade o momento que ele desejava e temia ao mesmo tempo, velava sobre Cecília com um cuidado e uma solicitude admirável.

A mãe a mais extremosa não se desvelaria tanto por seu filho, como esse amigo dedicado por sua senhora; uma réstia de sol que, enfiando-se pelas folhas, vinha brincar no rosto da menina, um

CANTIGA DE AMOR

Nuno Fernandez Torneol
(meados do século XIII)

Quando mi-agora for' e mi alongar
de vós, senhor, e non poder veer
esse vosso fremoso parecer,
quero-vos ora por Deus preguntar:
Senhor fremosa, que farei enton?
Dized `ai! coita do meu coraçõ!

TORNEOL, Nuno Fernandez. Cantiga de Amor. In: SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996

Nota

Por motivos que desconhecemos, a mulher decidiu-se pelo afastamento do seu amante para longe do lugar onde ela vive. Essa deliberação é, para o trovador, sinônimo de morte.

passarinho que cantava sobre um ramo do arbusto, um inseto que saltava na relva, tudo ele afastava para não perturbar o seu repouso.

Cada minuto que passava era uma nova inquietação para ele; porém era também um instante mais de sossego e de tranquilidade que a menina gozava, antes de saber a desgraça que pesava sobre ela, e que a privava de sua família.

Um longo suspiro elevou o seio de Cecília; seus lindos olhos azuis se abriram e cerraram, deslumbrados pela claridade do dia; ela passou a mão delicada pelas pálpebras rosadas, como para afugentar o sono, e seu olhar límpido e suave foi pousar no rosto de Peri. Soltou um gritozinho de prazer e, sentando-se com vivacidade, lançou um olhar de surpresa e admiração em torno da espécie de pavilhão de folhagem que a cercava; parecia interrogar as árvores, o rio, o céu; mas tudo emudecia.

Peri não se animava a pronunciar uma palavra; via o que se passava na alma de sua senhora e não tinha a coragem de dizer a primeira letra do enigma que ela não tardaria a compreender.

Por fim, a menina, baixando a vista para ver onde estava, descobriu a canoa e, lançando um volvez rápido para o vasto leito do Paraíba que se espreguiçava indolentemente pela floresta, ficou branca como a cambraia do seu roupão.

Voltou-se para o índio com os olhos extremamente dilatados, os lábios trêmulos, a respiração presa, o seio ofegante, e suplicando com as mãozinhas juntas:

— Meu pai!... meu pai!... exclamou soluçando.

O selvagem deixou cair a cabeça sobre o peito e escondeu o rosto nas mãos.

— Morto!... Minha mãe também morta!... Todos mortos!...

Vencida pela dor, a menina apertou convulsamente o seio que lhe estalava com os soluços e, reclinando-se como o cálice delicado de uma flor que a noite enchera de orvalho, desfez-se em lágrimas.

— Peri só podia salvar a ti, senhora! murmurou o índio tristemente.

Cecília ergueu a cabeça altiva.

— Por que não me deixaste morrer com os meus?... exclamou ela numa exaltação febril. Pedi-te eu que me salvasses? Precisava de teus serviços?...

Seu rosto tomou uma expressão de energia extraordinária.

— Tu vais me levar ao lugar onde descansa o corpo de meu pai. É aí que deve estar sua filha... Depois partirás!... Não careço de ti.

Peri estremeceu.

— Escuta, senhora... balbuciou ele em tom submisso.

A menina lançou-lhe um olhar tão imperioso, tão soberano, que o índio emudeceu, e voltando o rosto escondeu as lágrimas que lhe molhavam as faces.

Cecília caminhou até a beira do rio e, com os olhos estendidos pelo horizonte, que ela supunha ocultar o lugar em que habitara, ajoelhou e fez uma oração longa e ardente.

CAPÍTULO XII

[...]

O que sofreu quando Cecília no seu desespero pela morte de seu pai o acusava por tê-la salvado, e lhe dava ordem de levá-la ao lugar onde repousavam as cinzas do velho fidalgo, é impossível de descrever.

Foram horas de martírio, de sofrimento horrível, em que sua alma sucumbiria, se não achasse na sua vontade inflexível e na sua dedicação sublime um conforto para a dor e um estímulo para triunfar de todos os obstáculos.

[...]

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Saraiva, 2009. (Clássicos Saraiva).

CANTIGA DE AMOR

D. Joan Soares Coelho
(meados do século XIII)

Noutro dia, quando m'eu espedi
De mia senhor, e quando mi-ouv'a ir,
E me non falou, nen me quis oír,
Tan sen ventura foi que non morri!
Que, se mil vezes podesse morrer,
Meor coita me fora de sofrer!

NOTA

O poeta já havia conquistado a dama e perdera o amor dela por culpa própria. Atitude da mulher: silêncio, desatenção às palavras do trovador.

COELHO, D. Joan Soares. Cantiga de Amor. SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996.

16. Que comparação o narrador estabelece para apresentar o zelo de Peri com sua senhora, Ceci?

O zelo de Peri é comparado ao zelo de uma mãe extremosa.

17. Qual é a atitude de Ceci quando a desgraça pela qual passou sua família é revelada?

Ceci descontrola-se e exige que Peri a leve para o local onde estaria enterrado seu pai.

18. Nesse momento do romance, os sentimentos de Peri vêm à tona. Cite expressões que os expõem.

Peri estremeceu; balbuciou ele em tom submisso; o índio emudeceu, e voltando o rosto escondeu as lágrimas que lhe molhavam as faces; o que sofreu [...] é impossível de descrever; foram horas de martírio, de sofrimento horrível, em que sua alma sucumbiria.

19. Destaque passagens do Texto 5 que, mais uma vez, tornam muito próxima a relação de vassalagem entre Peri e Ceci.

Há muitas possibilidades. Uma delas é: “Peri não se animava a pronunciar uma palavra; via o que se passava na alma de sua senhora e não tinha a coragem de dizer a primeira letra do enigma que ela não tardaria a compreender.”.

LEITURA 2

BOM SELVAGEM E BEM SELVAGEM: O ROMANCE PORTA-VOZ DA INCIPIENTE BURGUESIA BRASILEIRA

Professor, seria bastante enriquecedor orientar os alunos para uma breve investigação acerca do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau, mencionado nesta leitura.

A fórmula romântica indianista de José de Alencar — não só em *O guarani*, mas nos outros romances, *Iracema* e *Ubirajara*, de iguais perfis — permanece bastante viva e serve, ainda, de parâmetro para leituras nacionalistas acerca dos temas de inclinação moral ou de busca ética, em uma sociedade bastante desigual. O *mito do bom selvagem*, proclamado por Jean-Jacques Rousseau e perfeitamente acolhido no Romantismo brasileiro, denunciava uma sociedade corrosiva. Para o filósofo, era preciso recuperar a independência e as liberdades individuais para que a corrupção humana fosse combatida.

360

JEAN-JACQUES ROUSSEAU (1712-1778)

Autor de *Discurso sobre as ciências e as artes* (1750), obra na qual desenvolve um pensamento de preservação da natureza humana em detrimento dos contratos sociais. Tais ideias encontrariam abrigo na expressão *Mito do bom selvagem*.

TEXTO 6

QUARTA PARTE – A CATÁSTROFE – CAPÍTULOS XI, XII E XIII

CAPÍTULO XI

[...]

Toda a noite o índio tinha remado sem descansar um momento; não ignorava que D. Antônio de Mariz na sua terrível vingança havia exterminado a tribo dos aimorés, mas desejava apartar-se do teatro da catástrofe e aproximar-se dos seus campos nativos.

CAPÍTULO XII

[...]

Peri, que durante um ano não fora para ela senão um amigo dedicado, aparecia-lhe de repente como um herói; no seio de sua família estimava-o, no meio dessa solidão admirava-o.

Como os quadros dos grandes pintores que precisam de luz, de um fundo brilhante e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua beleza primitiva.

No meio de homens civilizados, era um índio ignorante, nascido de uma raça bárbara, a quem a civilização repelia e marcava o lugar de cativo. Embora para Cecília e D. Antônio fosse um amigo, era apenas um amigo escravo.

Aqui, porém, todas as distinções desapareciam; o filho das matas, voltando ao seio de sua mãe, recobrava a liberdade; era o rei do deserto, o senhor das florestas, dominando pelo direito da força e da coragem.

As altas montanhas, as nuvens, as catadupas, os grandes rios, as árvores seculares serviam de trono, de dossel, de manto e cetro a esse monarca das selvas cercado de toda a majestade e de todo o esplendor da natureza.

Que efusão de reconhecimento e de admiração não havia no olhar de Cecília! Era nesse momento que ela compreendia toda a abnegação do culto santo e respeitoso que o índio lhe votava!

CAPÍTULO XIII

[...]

— Peri é um selvagem, disse o índio tristemente; não pode viver na taba dos brancos.

— Por quê? perguntou a menina com ansiedade. Não és tu cristão como Ceci?

— Sim; porque era preciso ser cristão para te salvar; mas Peri morrerá selvagem como Ararê.

— Oh! não, disse a menina, eu te ensinarei a conhecer Deus, Nossa Senhora, as suas virgens e os seus anjinhos. Tu viverás comigo e não me deixarás nunca!

— Vê, senhora: a flor que Peri te deu já murchou porque saiu de sua planta; e a flor estava no teu seio. Peri na taba dos brancos, ainda mesmo junto de ti, será como esta flor; tu terás vergonha de olhar para ele.

— Peri!... exclamou a menina ofendida.

— Tu és boa; mas todas as que têm a tua cor não têm o teu coração. Lá o selvagem seria um escravo dos escravos; e quem nasceu o primeiro pode ser teu escravo; mas é senhor dos campos,

e manda aos mais fortes.

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Saraiva, 2009. (Clássicos Saraiva).

1. Na selva, fugindo do cenário da tragédia e a caminho da salvação, Ceci passa a ver Peri de modo diferente. Destaque o trecho que confirme tal afirmação.

“Peri, que durante um ano não fora para ela senão um amigo dedicado, aparecia-lhe de repente como um herói [...]”.

2. O que permitiu que Ceci obtivesse uma nova impressão de Peri, segundo o narrador? Responda destacando de um trecho do texto.

“Como os quadros dos grandes pintores que precisam de luz, de um fundo brilhante, e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua beleza primitiva.”

3. Por que, após reconquistar a confiança de Ceci, Peri decide que deixará sua senhora e partirá, depois de entregá-la a salvo aos seus?

Peri não quer viver na “taba dos brancos” porque sabe que lá será discriminado e deixará de ser quem de fato é.

4. O que Ceci sugere para mantê-lo ao seu lado?

Ceci sugere ensinar-lhe os preceitos católicos.

5. Ao fim do episódio, Peri faz uma distinção a Ceci, em relação à sua etnia. Revele o pensamento de Peri a partir do texto.

Em “– Tu és boa; mas todas as que têm a tua cor não têm o teu coração” Peri revela sentimentos de não confiança em relação aos colonizadores.

TEXTO 7

UBIRAJARA – CAPÍTULO: HOSPITALIDADE

Quando o hóspede, depois de satisfeito o apetite, lavou o rosto e as mãos, Jacamim ordenou às servas que recolhessem os restos das provisões, e retirou-se com elas.

Também afastaram-se os jovens guerreiros, que ainda não

tinham voz no conselho. Só ficaram sentados com o hóspede Itaquê e os moacaras, senhores das cabanas.

O cachimbo do grande chefe passou de mão em mão e cada ancião bebeu a fumaça da erva de Tupã, que inspira a prudência no carbeto.

Então disse o chefe:

– Itaquê deseja dar a seu hóspede um nome que lhe agrade; e precisa que o ajude a sabedoria dos anciões.

A lei da hospitalidade não consentia que se perguntasse o nome ao estrangeiro que chegava, nem que se indagasse de sua nação.

Talvez fosse um inimigo; e o hóspede não devia encontrar na cabana onde se acolhia senão a paz e a amizade.

O chefe, que tinha a fortuna de receber o viajante, escolhia o nome que ele devia usar enquanto permanecia na cabana hospedeira.

Foi Ipê quem primeiro falou

– Tu chamarás ao hóspede Jutai, porque sua cabeça domina o cocar dos mais fortes guerreiros, como a copa do grande pinheiro aparece por cima da mata.

Disse Tapir:

– Chama ao hóspede Boitatá, porque ele tem os olhos da grande serpente de fogo, que voa como o raio de Tupã.

Os moacaras, cada um por sua vez, falaram; e como a voz começava do mais moço para acabar no mais velho, as últimas falas eram menos guerreiras e traziam a prudência da idade.

Assim Caraúba, que era o segundo antes do chefe, disse:

– Itaquê, o hóspede é o anúncio da paz. Tu deves chamá-lo Jutorib, porque ele trouxe a alegria à tua cabana.

Guaribu, cujos anos enchiam a corda de sua existência de mais nós do que tem o velho cipó da floresta, falou por último:

– O viajante é senhor na terra que ele pisa como hóspede e amigo; e o nome é a honra do varão ilustre, porque narra sua sabedoria. Pergunta ao estrangeiro como ele quer ser chamado na taba dos tocantins.

– Bem dito!

Itaquê, aprovando as palavras prudentes do ancião, perguntou a Ubirajara que nome escolhia; este lhe respondeu:

– Eu sou aquele que veio trazido pela luz do céu. Chama-me Jurandir.

Nesse momento, Araci, a estrela do dia, apareceu por entre as palmeiras e caminhou para a cabana.

Os mais valentes entre os jovens guerreiros tocantins acompanhavam a formosa caçadora. Eram os servos do amor, que disputavam a beleza da virgem.

Os cantores saudaram de novo o hóspede pelo nome que ele escolhera.

– Tu és aquele que veio trazido pela luz do céu. Nós te chamaremos Jurandir, para que te alegres ouvindo o nome de tua escolha.

[...]

ALENCAR, José de. *Ubirajara*.

Disponível em: <www.bibvirt.futuro.usp.br/content/view/full/317>.

Acesso em: 3 mar. 2009.

6. Por que Jurandir, protagonista da cena, precisa receber um novo nome? Responda com uma passagem da narrativa.

“A lei da hospitalidade não consentia que se perguntasse o nome ao estrangeiro que chegava, nem que se indagasse de sua nação.”/ “Talvez fosse um inimigo; e o hóspede não devia encontrar na cabana onde se acolhia senão a paz e a amizade.”

7. Qual é o código de mesura estabelecido na aldeia que recebe o hóspede?

Por uma questão de mesura, os mais velhos da tribo têm o direito de opinar acerca do novo nome do hóspede, e a sugestão do mais velho entre todos será respeitada.

8. Cite os nomes sugeridos e seus respectivos significados.

Jutaí, porque sua cabeça domina o cocar dos mais fortes guerreiros, como a copa do grande pinheiro aparece por cima da mata; *Boitatá*, porque ele tem os olhos da grande serpente de fogo, que voa como o raio de Tupã; *Jutorib*, porque ele trouxe a alegria à cabana.

9. Aproximando essa cena do romance *Ubirajara* (Texto 7) do Texto 6, explique por que Peri tem receio de ser recebido como hóspede, pelos familiares de Ceci.

Peri conhece o espírito de colonizador do homem branco e sabe que poderá ser discriminado e, talvez, até escravizado. A relação entre brancos e indígenas não é a mesma entre indígenas de nações diferentes.

ATIVIDADE DE PESQUISA E DEBATE

10. Converse com seus amigos, professores e familiares.

- a) Como se dá a escolha de um nome, em nossos tempos?
- b) Qual é a relação que se estabelece entre o nome de uma pessoa e a sociedade?
- c) Por que, algumas vezes, surgem apelidos?
- d) Como as obras estudadas — *O guarani* e *Ubirajara* — registram a cultura de nomes próprios, em outros tempos de nosso país?
- e) Qual é a relação entre o nome próprio, a terra habitada e a identidade do habitante?

Os receios de Peri estão mais próximos da realidade nacional, e esse pode ser o momento em que o romance de Alencar mais se afasta das idealizações e mais se aproxima das ideias de Rousseau. O poeta Gonçalves Dias, em seu inacabado *Os timbiras*, apresenta uma **descrição** de um encontro nada amistoso entre os indígenas e os colonizadores europeus.

TEXTO 8 OS TIMBIRAS

365

As três formosas tabas de Itajubá
Já foram como os cedros gigantescos
Da corrente impedrada: hoje acamados
Fósseis que dormem sob a térrea crusta,
Que os homens e as nações por fim sepultam
No bojo imenso! – Chame-lhe progresso
Quem do extermínio secular se ufana:
Eu modesto cantor do povo extinto
Chorarei nos vastíssimos sepulcros,
Que vão do mar ao Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amazonas.
Ali me sentarei meditabundo
Em sítio, onde não oiçam meus ouvidos
Os sons frequentes d'europeus machados
Por mãos de escravos Afros manejados:
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
Donde chorando a preciosa goma,
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incúria grande eterno asselam:
Em sítio onde os meus olhos não descubram
Triste arremedo de longínquas terras.
Aos crimes das nações Deus não perdoa:

Do pai aos filhos e do filho aos netos,
Por que um deles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldição – contínua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solenes
Miríade de sombras miserandas,
Escarnecendo, secar o nosso orgulho
De nação; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa;
Há-de apagar-se mas que a inunde agora;
E nós?... sugamos leite mau na infância,
Foi corrompido o ar que respiramos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

América infeliz! – que bem sabia,
Quem te criou tão bela e tão sozinha,
Dos teus destinos maus! Grande e sublime
Corres de polo a polo entre os sois mares
Máximos de globo: anos da infância
Contavas tu por séculos! que vida
Não fora a tua na sazão das flores!
Que majestosos frutos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno?!
Velho tutor e avaro cubiçou-te,
Desvalida pupila, a herança pingue
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os anos
Da mocidade em flor – às cãs e à vida
Do velho, que já pende e já declina
Do leito conjugal imerecido
À campa, onde talvez cuida encontrar-te!

DIAS, Gonçalves. Os timbiras. In: *Poesia completa e prosa escolhida*.

Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.

11. Destaque a passagem da primeira estrofe em que o eu poético faz uma leitura severa acerca do encontro entre europeus e indígenas.

"[...] – Chame-lhe progresso
Quem do extermínio secular se ufana:
Eu modesto cantor do povo extinto
Chorarei nos vastíssimos sepulcros,
Que vão do mar ao Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amazonas."

12. Destaque a passagem que apresenta o encontro entre o continente europeu e o americano de modo explícito.

"Não me deslumbra a luz da velha Europa;
Há-de apagar-se mas que a inunde agora;
E nós?... sugamos leite mau na infância,
Foi corrompido o ar que respiramos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

América infeliz! – que bem sabia,
Quem te criou tão bela e tão sozinha,
Dos teus destinos maus! [...]"

32. Como o poeta vê as relações que se estabelecem no encontro entre Europa e América, em sua opinião?

Resposta pessoal. O poeta deixa claro que o encontro favorece apenas Europa, tratando-se de um encontro de exploração violenta.

LEITURA 3

A VITALIDADE DE PERI, A POPULARIDADE DE CECI E A LONGEVIDADE DO CASAL: AS HERANÇAS DA REFERÊNCIA AMOROSA BRASILEIRA

367

O projeto nacional idealizado por José de Alencar em seu romance indianista *O guarani* previa uma miscigenação plena entre os povos que estavam no Brasil e os que aqui chegaram, desde o século XVI até o XIX. Mais de cento e cinquenta anos após sua publicação, é possível verificar tal idealização no cancionário popular.

Recuperemos, primeiro, trechos do romance e, em seguida, vejamos como a cena final do romance de Alencar chegou “firme e forte” aos nossos dias.

TEXTO 9

QUARTA PARTE – A CATÁSTROFE – CAPÍTULOS XI, XIV E XV

CAPÍTULO XI

Quando o sol, erguendo-se no horizonte, iluminou os campos, um montão de ruínas cobria as margens do *Paquequer*.

Grandes lascas de rochedos, talhadas de um golpe e semeadas pelo campo, pareciam ter saltado do malho gigantesco de novos ciclopes.

A eminência sobre a qual estava situada a casa tinha desaparecido, e no seu lugar via-se apenas uma larga fenda semelhante à cratera de algum vulcão subterrâneo.

As árvores arrancadas dos seus alvéolos, a terra revolta, a cinza enegrecida que cobria a floresta anunciavam que por aí tinham passado algum desses cataclismas que deixam após si a morte e a destruição.

Aqui e ali entre os cômoros das ruínas aparecia alguma índia, resto da tribo dos aimorés, que tinha ficado para chorar a morte dos seus e levar às outras tribos a notícia dessa tremenda vingança.

Quem plainasse nesse momento sobre aquela solidão e lançasse os olhos pelos vastos horizontes que se abriam em torno, se a vista pudesse devassar a distância de muitas léguas, veria ao longe, na larga esteira do Paraíba, passar rapidamente uma forma vaga e indecisa.

Era a canoa de Peri, que impelida pelo remo e pela viração da manhã corria com uma velocidade espantosa, semelhando uma sombra a fugir das primeiras claridades do dia.

Toda a noite o índio tinha remado sem descansar um momento; não ignorava que D. Antônio de Mariz na sua terrível vingança havia exterminado a tribo dos aimorés, mas desejava apartar-se do teatro da catástrofe e aproximar-se dos seus campos nativos.

Não era o sentimento da pátria, sempre tão poderoso no coração do homem; não era o desejo de ver sua cabana reclinada à beira do rio e abraçar sua mãe e seus irmãos que dominava sua alma nesse momento e lhe dava esse ardor.

Era sim a ideia de que ia salvar sua senhora e cumprir o juramento que tinha feito ao velho fidalgo; era o sentimento de orgulho que se apoderava dele, pensando que bastavam a sua coragem e a sua força para vencer todos os obstáculos e realizar a missão de que se havia encarregado.

[...]

O índio fez a canoa boiar sobre as águas do rio, e quando tomou a menina nos seus braços para deitá-la no barquinho, ela sentiu pela primeira vez na sua vida que o coração de Peri palpitava sobre o seu seio.

[...]

CAPITULO XIV

[...]

A canoa, despreendida do tronco a que estava amarrada, res-

valava à discrição das águas, e, girando sobre si, desaparecia levada pela correnteza.

Cecília depois de olhar se voltou sorrindo:

— Fui eu que soltei!

— Tu, senhora! Por quê?

— Porque não precisamos mais dela.

Fitando então no seu amigo os lindos olhos azuis, disse com o tom grave e lento que revela um pensamento profundamente refletido e uma resolução inabalável.

— Peri não pode viver junto de sua irmã na cidade dos brancos; sua irmã fica com ele no deserto, no meio das florestas.

Era essa ideia que ela há pouco acariciava no seu espírito, e para a qual tinha invocado a graça divina.

Não foi sem algum esforço que ela conseguiu dominar os primeiros temores que a assaltaram, quando encarou em face essa existência longe da sociedade, na solidão, no isolamento.

Mas qual era o laço que a prendia ao mundo civilizado? Não era ela quase uma filha desses campos, criada com o seu ar puro e livre, com as suas águas cristalinas?

A cidade lhe aparecia apenas como uma recordação da primeira infância, como um sonho do berço; deixara o Rio de Janeiro aos cinco anos e nunca mais ali voltara.

O campo, esse tinha para ela outras recordações ainda vivas e palpitantes; a flor da sua mocidade tinha sido bafejada por essas auras; o botão desatara aos raios desse sol esplêndido.

Toda a sua vida, todos os seus belos dias, todos os seus prazeres infantis viviam ali, falavam naqueles ecos da solidão, naqueles murmúrios confusos, naquele silêncio mesmo.

Ela pertencia, pois, mais ao deserto do que à cidade; era mais uma virgem brasileira do que uma menina cortesã; seus hábitos e seus gostos prendiam-se mais às pompas singelas da natureza do que às festas e às galas da arte e da civilização.

Decidiu ficar.

[...]

— Cecília fica no deserto?... balbuciou ele.

— Sim! respondeu a menina tomando-lhe as mãos: Cecília fica contigo e não te deixará. Tu és rei destas florestas, destes campos, destas montanhas; tua irmã te acompanhará.

— Sempre?...

— Sempre... Viveremos juntos como ontem, como hoje, como amanhã. Tu cuidas?... Eu também sou filha desta terra; também me criei no seio desta natureza. Amo este belo país!...

CAPITULO XV

[...]

Então no fundo da floresta troou um estampido horrível, que veio reboando pelo espaço; dir-se-ia o trovão correndo nas quebras da serrania.

Era tarde!

Não havia tempo para fugir; a água tinha soltado o seu primeiro bramido, e, erguendo o colo, precipitava-se furiosa, invencível, devorando o espaço como algum monstro do deserto.

Peri tomou a resolução pronta que exigia a iminência do perigo: em vez de ganhar a mata, suspendeu-se a um dos cipós, e, galgando o cimo da palmeira, aí abrigou-se com Cecília.

A menina, despertada violentamente e procurando conhecer o que se passava, interrogou seu amigo.

— A água!... respondeu ele, apontando para o horizonte.

Com efeito, uma montanha branca, fosforescente, assomou entre as arcarias gigantescas formadas pela floresta, e atirou-se sobre o leito do rio, mugindo como o oceano quando açoita os rochedos com as suas vagas.

A torrente passou, rápida, veloz, vencendo na carreira o tapir das selvas ou a ema do deserto; seu dorso enorme se estorcia e enrolava pelos troncos diluvianos das grandes árvores, que estremeiam com o embate hercúleo.

[...]

Cecília, apoiada ao ombro de seu amigo, assistia horrorizada a esse espetáculo pavoroso; Peri sentia o seu corpinho estremecer; mas os lábios da menina não soltaram uma só queixa, um só grito de susto.

Em face desses transe solenes, desses grandes cataclismas da natureza, a alma humana sente-se tão pequena, aniquila-se tanto, que se esquece da existência; o receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção que emudece e paralisa.

O sol, dissipando as trevas da noite, assomou no oriente; seu aspecto majestoso iluminou o deserto; as ondas de sua luz brilhante derramaram-se em cascatas sobre um lago imenso, sem horizontes.

Tudo era água e céu.

A inundação tinha coberto as margens do rio até onde a vista podia alcançar; as grandes massas de água, que o temporal durante uma noite inteira vertera sobre as cabeceiras dos confluente do Paraíba, desceram das serranias, e, de torrente em torrente, haviam formado essa tromba gigantesca que se abatera sobre a várzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de toda a cordilheira, que aparecia coberta por um nevoeiro escuro; mas o céu, azul e límpido, sorria mirando-se no espelho das águas.

A inundação crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as árvores pequenas desapareciam; e a folhagem dos soberbos jacarandás sobrenadava já como grandes moitas de arbustos.

A cúpula da palmeira em que se achavam Peri e Cecília parecia uma ilha de verdura banhando-se nas águas da corrente; as palmas que se abriam formavam no centro um berço mimoso, onde os dois amigos, estreitando-se, pediam ao céu para ambos uma só morte, pois uma só era a sua vida.

Cecília esperava o seu último momento com a sublime resignação evangélica, que só dá a religião do Cristo; morria feliz; Peri tinha confundido as suas almas na derradeira prece que expirara dos seus lábios.

— Podemos morrer, meu amigo! disse ela com uma expressão sublime.

Peri estremeceu; ainda nessa hora suprema seu espírito revoltava-se contra aquela ideia, e não podia conceber que a vida de sua senhora tivesse de perecer como a de um simples mortal.

— Não! exclamou ele. Tu não podes morrer.

A menina sorriu docemente.

— Olha! disse ela com a sua voz maviosa, a água sobe, sobe...

— Que importa! Peri vencerá a água, como venceu a todos os teus inimigos.

[...]

A menina, por um movimento instintivo de terror, conchegou-se ao seu amigo; e nesse momento supremo, em que a inundação abria a fauce enorme para tragá-los, murmurou docemente:

— Meu Deus!... Peri!...

Então passou-se sobre esse vasto deserto de água e céu uma cena estupenda, heroica, sobre-humana; um espetáculo grandioso, uma sublime loucura.

[...]

Luta terrível, espantosa, louca, esvairada: luta da vida contra a matéria; luta do homem contra a terra; luta da força contra a imobilidade.

[...]

Peri estava de novo sentado junto de sua senhora quase inanimada: e, tomando-a nos braços, disse-lhe com um acento de ventura suprema:

— Tu viverás!...

Cecília abriu os olhos, e vendo seu amigo junto dela, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

— Sim?... murmurou ela: viveremos!... Lá no céu, no seio de

Deus, junto daqueles que amamos!...

O anjo espanejava-se para remontar ao berço.

— Sobre aquele azul que tu vês, continuou ela, Deus mora no seu trono, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Peri! Tu viverás com tua irmã, sempre...!

Ela embebeu os olhos nos olhos de seu amigo, e lânguida reclinou a loura fronte.

O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e límpidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando o voo.

A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...

E sumiu-se no horizonte.

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Saraiva, 2009. (Clássicos Saraiva).

1. A descrição aparentemente trágica aproxima-se das descrições da formação do planeta seja por relatos científicos da época de Alencar, seja pelo uso das epopeias. Destaque passagens nas quais há expressões que poderiam sugerir o fim de uma era e o início de outra.

Há vários exemplos: “Grandes lascas de rochedos [...] pareciam ter saltado do malho gigantesco de novos ciclopes uma larga fenda semelhante à cratera de algum vulcão subterrâneo.”/“As árvores arrancadas dos seus alvéolos, a terra revolta, a cinza enegrecida que cobria a floresta anunciavam que por aí tinham passado algum desses cataclismas que deixam após si a morte e a destruição.”.

372

CURIOSIDADE

Em 1857, data da publicação de *O guarani*, havia algumas teorias cosmológicas em voga, ou seja, teorias que se propunham explicar a origem do Universo e do planeteta Terra. Dentre elas, as mais conhecidas eram a da *Colisão* (Buffon-1776) e a da *Nebulosa primordial* (Kant-1775; Laplace-1830).

2. No início do Texto 9, o narrador utiliza uma expressão que acomoda Peri nas teorias de Rousseau. Leia-o com atenção e procure destacá-la. A seguir justifique a resposta com suas palavras, tomando por base as informações trabalhadas na **Leitura 2** sobre o filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau.

Várias possibilidades de resposta, por exemplo: “[...] era o sentimento de orgulho que se apoderava dele, pensando que bastava a sua coragem e a sua força para vencer todos os obstáculos e realizar a missão de que se havia encarregado”.

3. Ainda no Texto 9, o narrador expõe o sentimento de Peri enquanto a personagem conduz sua canoa. Mais uma vez o aproxima dos valores feudais explorados no primeiro segmento de nossos estudos. Qual é esse pensamento? Justifique sua resposta com uma passagem texto.

Peri sente que deve cumprir um juramento que fez a D. Antônio de Mariz e levar sua senhora a salvo para a “taba dos brancos”. Contudo, nessa fase, deixa aflorar também sua ligação amorosa, como um legítimo trovador medieval: “O índio fez a canoa boiar sobre as águas do rio, e quando tomou a menina nos seus braços para deitá-la no barquinho, ela sentiu pela primeira vez na sua vida que o coração de Peri palpitava sobre o seu seio.”.

4. Qual foi a condição imposta por D. Antônio de Mariz para que Peri pudesse salvar Cecília?

Peri deveria se converter ao cristianismo e por isso foi batizado.

5. Aproxime a visão de Alencar registrada no desfecho de *O guarani* com a visão de Gonçalves Dias em seu poema *Os timbiras* (Texto 8).

Alencar justifica o genocídio por intermédio do enredo (“Toda a noite o índio tinha remado sem descansar um momento; não ignorava que D. Antônio de Mariz na sua terrível vingança havia exterminado a tribo dos aimorés [...]”) enquanto Gonçalves Dias denuncia a presença do colonizador como o algoz da América.

6. Destaque do texto uma expressão que sintetiza a idealização de uma nova civilização para o Brasil.

Viveremos! ou Tu viverás com tua irmã, sempre!

O Carnaval talvez seja, no Brasil, a festa popular que mais tenha mantido o vínculo com a tradição europeia, nos momentos em que se estabeleceram as referências românticas. Até nossos dias, seja nas manifestações espontâneas de rua — cordões, blocos etc. — seja nos concorridíssimos e bem produzidos desfiles das escolas de samba por todo o Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, as idealizações do romance de Alencar se mostram intensas no imaginário popular e, muitas vezes, tais ideias chegam a ser explicitadas como letras de samba-enredo.

TEXTO 10 "HISTÓRIA DO BRASIL"

Quem foi que inventou o Brasil?
Foi seu Cabral
No dia 21 de abril
Dois meses depois do Carnaval
Depois Ceci amou Peri
Peri beijou Ceci
Ao som do *Guarani*
Do *Guarani* ao **guaraná**
Surgiu a feijoada
E mais tarde o **parati**

BABO, Lamartine. "História do Brasil". (1934). Marchinha de Carnaval.

Disponível em: <www2.uol.com.br/lamartine/>.

Acesso em: 3 mar. 2009.

GLOSSÁRIO

Guaraná: fruta típica da Floresta Amazônica. A letra refere-se ao refrigerante de guaraná, produzido no Brasil desde 1906.

Parati: água-ardente ou cachaça de cana-de-açúcar.

374

7. As marchinhas de Carnaval costumam registrar situações institucionais de modo bem-humorado e estabelecem, muitas vezes, paródias às versões oficiais de nossa história. Dessa forma chegam a “destronar” as idealizações românticas.

a) Destaque da obra um verbo que modifica o modo oficial de ver a chegada dos portugueses ao Brasil.

Trata-se do verbo *inventou*, que está no lugar de *descobriu*.

b) Destaque do texto o jogo de palavras que destitui o romance de Alencar de sua austeridade.

O jogo de palavras é estabelecido com *Guarani* e guaraná.

8. Há, na letra de Lamartine Babo, uma adulteração dos fatos, na sequência histórica, pois o Carnaval só chegaria ao Brasil com os europeus. Destaque os versos que registram essa adulteração.

"Quem foi que inventou o Brasil?/Foi seu Cabral/No dia 21 de abril /Dois meses depois do Carnaval".

9. Os ingredientes da cultura brasileira — *Guarani*, guaraná, feijoada e parati — surgem após o casal ter se beijado. Aproxime essa imagem do desfecho do romance de Alencar.

A letra de Lamartine Babo faz de Ceci e Peri um casal original da cultura nacional. Pode ser lido como a versão brasileira — e uma paródia carnavalesca — de Adão e Eva. Desse modo está próximo do desfecho de *O guarani*, que anuncia uma nova civilização, justamente a partir da união do indígena brasileiro com a europeia Cecília.

Diferentemente das marchinhas, o samba-enredo procura exaltar valores nacionais e, desse modo, idealiza as personagens, reafirmando a fórmula romântica de José de Alencar.

TEXTO 11 "O GUARANI"

Procuramos homenagear
A José de Alencar
Evocando seu passado de escritor
De ricas obras foi autor
Exaltamos *O guarani*
Que é inspirado no amor de Peri
Pela fidalga Ceci
Lá, lá, lá, lá, lá
Assim Carlos Gomes, célebre maestro
Musicou *O guarani*
Homenageando ao devotado Peri
Tendo lutado com a onça enfurecida
Pra ofertar a seu amor
Com risco da própria vida
Amor que nasceu sem vaidade
E seria levado pela tempestade.

OLIVEIRA, Silas de.; SANTOS (FULEIRO), Antonio dos ;FABRÍCIO, João.
"O guarani." Samba Enredo 1954. Escola Império Serrano.
Disponível em: <www.lettras.com.br/samba-enredo>.

Acesso em: 3 mar. 2009.

375

10. Reproduza com suas palavras os momentos do romance de José de Alencar evocados pelos seguintes versos:

a) "Homenageando ao devotado Peri/Tendo lutado com a onça enfurecida."

Resposta pessoal.

b) Amor que nasceu sem vaidade/E seria levado pela tempestade.
Resposta Pessoal.

11. A marchinha, um dos ritmos mais populares do Brasil, na letra de Lamartine Babo (Texto 10) menciona uma outra cultura musical nos versos: “Peri beijou Ceci/Ao som do *Guarani*”. Comente esses versos confrontando-os com a letra dos compositores Silas de Oliveira, Fuleiro e João Fabrício (Texto 11).
Trata-se da ópera composta por Carlos Gomes baseada no romance de Alencar e que recebeu o mesmo nome: *O guarani*.

Professor, o ideal seria reproduzir trechos da ópera e estabelecer um diálogo entre as duas linguagens artísticas.

Em 1963, mais uma vez um samba-enredo escolheu algumas situações do romance *O guarani* para exaltá-lo. Acompanhe a letra.

TEXTO 12 "O GUARANI"

Viemos apresentar
De José de Alencar
Esta obra-prima e fabulosa
Com cenas heroicas e amorosas
De um índio Guarani,
Peri, que só pensava em existir
Vivendo para Ceci,
Filha de D. Antônio de Mariz, o seu senhor
E para provar seu grande amor
Sua religião e sua tribo
Até a própria mãe Peri abandonou
Peri, este índio valente que surgiu
Como o orgulho das selvas do Brasil
Tinha a preocupação
De dar toda proteção
À Virgem Santa
Que na sua imaginação era Ceci
Que foi a salvação
De sua mãe não sucumbir

“O guarani”. Samba-enredo 1963. Beija-Flor de Nilópolis.
Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/beija-flor-de-nilopolis>>.
Acesso em: 3 mar. 2009.

12. Por qual motivo, conforme a letra do samba apresenta, Peri teria devotado sua vida a Ceci?

Peri acreditava que Ceci era a “Virgem Santa”, que teria salvado sua mãe.

13. Quais sacrifícios faz Peri para servir Dom Antônio de Mariz e Ceci?

Peri abandona sua religião, sua tribo e até a própria mãe.

TEXTO 13 "O GUARANI"

Beleza
Uma história em passarela
Do rio Paquequer
Que a natureza arquitetou,
Construiu e conservou
Assim surgiu Peri, filho de Ararê
De origem goitacás, o imortal
Que no solar de D. Antônio de Mariz
Passou a ser figura principal
Que mostrou a sua habilidade
Ao salvar da morte a senhora, ô
Sonhada deusa dos cabelos cor do sol
Que em seu devaneio apareceu
Peri depois de ser convidado
De Ceci foi ser escravo, ela agradeceu

Índio valente, guerreiro, guarani
Tudo fez pra salvar Ceci

Ao se fazer prisioneiro de três aimorés
Peri... Foi salvo por aventureiros
Que chegaram da cidade de São Sebastião
Daí o valente guerreiro
Voltou ao solar e depois foi embora
Levando consigo a senhora, desceu rio afora
Ouviu a explosão
Travou luta contra a enchente
Venceu, foi em frente sua embarcação

Tu viverás, tu viverás
Comigo eternamente junto a ti

Falou Peri
Eis a corrente viva de amor
Do romance *O guarani*

“O guarani”. SAMARA, Paulo; GILSON e PIPICO. Samba-enredo 1980.
G.R.E.S. Arranco. Disponível em: <www.lyricstime.com/>.
Acesso em: 3 mar. 2009

14. Reproduza com suas palavras os momentos do romance de José de Alencar evocados pelos seguintes versos:

a) "Ao se fazer prisioneiro de três aimorés/Peri... Foi salvo por aventureiros/Que chegaram da cidade de São Sebastião."

Resposta pessoal.

b) "Levando consigo a senhora, desceu rio afora/Ouviu a explosão /Travou luta contra a enchente/Venceu, foi em frente sua embarcação."

Resposta pessoal.

378

15. Separe da última estrofe uma expressão que sintetiza o romance de Alencar.

Tu viverás, tu viverás.

16. Aproxime o advérbio “eternamente”, presente no Texto 13, do desfecho do romance de Alencar que se lê no Texto 9.

a) Que sentido tem “eternamente” na letra do samba-enredo? Parece tratar-se de um “para sempre”, até o fim da vida.

b) De que modo a palavra “eternamente” poderia ser empregada no desfecho do Texto 9? Justifique sua resposta a partir do referido texto. No romance de Alencar, “eternamente” ganharia contornos de mito. Trata-se, aparentemente, de um “para sempre” após a morte. Há o uso de expressões que apontam para essa interpretação. “[...] viveremos!... lá no céu, no seio de Deus, junto daqueles que amamos!.../ Deus mora no seu trono, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Peri! Tu viverás com tua irmã, sempre...!”

ATIVIDADE DE PESQUISA

O samba-enredo de 2002 da escola Imperatriz Leopoldinense, diferentemente das escolas de samba anteriores, optou para uma interpretação de *O guarani* à luz de outros tempos que viriam. Além de mencionar outro romance indianista de Alencar, *Iracema*, cita obras e movimentos artísticos que surgiram no século XX, como o romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade, da década de 1920, e o movimento tropicalista, dos anos 1960.

Leia a letra da música de Marquinhos Lessa, Guga e Professor Toninho Goytacazes... *Tupy or not tupy, in a south american way!* Você pode encontrá-la no site: <www.letras.com.br/>. Pesquise acerca do movimento da Tropicália, citado nos versos da letra.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Professor, o ideal é disponibilizar a gravação da canção Cara de índio, de Djavan, e solicitar aos alunos que acompanhem, inclusive cantando juntos.

Leia (e se possível ouça) a canção *Cara de índio*, de Djavan, e elabore uma dissertação em que se possa ler suas reflexões acerca das condições dos povos indígenas em nosso país.

379

TEXTO 14 CARA DE ÍNDIO

Índio cara-pálida
Cara de índio
Índio cara-pálida
Cara de índio
Sua ação é válida
Meu caro índio
Sua ação é válida
Valida o índio
Nessa terra tudo dá
Terra de índio
Nessa terra tudo dá
Não para o índio
Quando alguém puder plantar
Quem sabe índio
Quando alguém puder plantar
Não é índio
[...]

A minha também tá pouca
Cota de índio
Apesar da minha roupa
Também sou índio

DJAVAN. *Cara de índio*. © WARNER CHAPPELL EDIÇÕES MUSICAIS.

Todos os direitos reservados. Disponível em: <www.djavan.com.br>.

Acesso em: 3 mar. 2009.